

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº642

De 09 de setembro
a 22 de setembro
Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



PARA ACABAR COM A POBREZA PRECISAMOS EXPROPRIAR OS BILIONÁRIOS

Lucros e propriedades dos bilionários são frutos
do trabalho roubado dos trabalhadores.

Veja nas páginas 7, 8 e 9.



CHARGE

SEM PALAVRAS...



“ Imbrochável,
imbrochável,
imbrochável ”



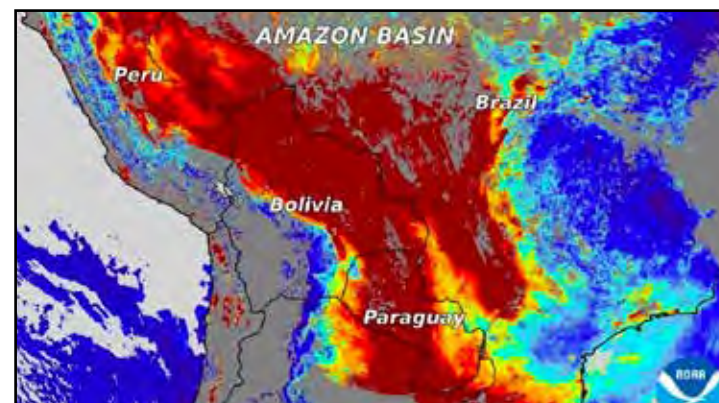
BOLSONARO, chamando
coro pra si no dia 7 de
setembro em Brasília.



FOGO NA AMAZÔNIA

Fumaça de queimadas se espalha para o Sudeste

As queimadas na Amazônia na primeira semana de setembro, que teve o Dia da Amazônia, superam a de todo o mês de setembro de 2021. Entre os dias 1º e 7, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) registrou 18.374 focos de incêndio. O número supera os 16.742 focos de todo o mês de setembro do ano passado. Segundo o instituto, até agora o bioma teve 64 mil focos de incêndio. O dado confirma a superação, desde maio, de todos os números de 2021, com total de 75.090 registros. É recorde sobre recorde. O mês de agosto, segundo o Observatório do Clima (OC), teve o



maior número de queimadas na Amazônia para o mês em um período de 11 anos. Imagens de satélite mostram nuvem de fumaça provocada pelas queimadas, que há dias se espalha pelo Brasil, chegando

a países vizinhos. No dia 7, a fumaça atingiu São Paulo, Paraná e Bolívia. Em Rio Branco, no Acre, a poluição atingiu níveis 13 vezes a mais que o recomendado pela Organização Mundial da saúde (OMS).

BRASIL ENDIVIDADO

63 milhões de pessoas com dívidas

Desemprego e inflação nas alturas, baixos salários e juros exorbitantes. A combinação criada pelo governo Bolsonaro fez o número de brasileiros com dívidas em atraso explodir. Atualmente, quatro a cada dez adultos estão negativados no Brasil. O número, que equivale a 63 milhões de pessoas, é o maior registrado em oito anos. Os dados são da CNDL (Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas) e do SPC Brasil (Serviço de Proteção ao Crédito). O levantamento ainda aponta o crescimento de 8,7% no índice de inadimplentes,



desde julho de 2021. Em relação à faixa etária, os maiores endividados têm de 30 a 39 anos e correspondem a 24,9% dos

inadimplentes. Entre os sexos, 50,84% de mulheres e 49,16% de homens possuem dívidas.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

✉ **opinio@pstu.org.br**

🏠 Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



A independência sequestrada

Bolsonaro comprovou a máxima de Marx de que a História acontece primeiro como tragédia e, depois, como farsa. Meses após uma intensa preparação, com agitação massiva em suas bases e muita grana despejada pelo governo e por seus amigos empresários, o presidente transformou as festividades do Bicentenário da Independência num palanque eleitoral. Se a ditadura desfilou pelo país com os ossos de D. Pedro I, desta vez o governo Bolsonaro importou o coração embalsamado do monarca para a sua festa macabra. A convocação deste dia 7 ocorreu junto às ameaças de golpe e intimidações de um governo que, a menos de um mês das eleições, se vê com poucas chances mesmo com o bilionário pacote eleitoral.

Como farsa, porque Bolsonaro pegou a ideia emprestada da ditadura militar que, em 1972, converteu os festejos de 150 anos da Independência numa série de atividades para angariar apoio à ditadura.

Se a ditadura desfilou pelo país com os ossos de D. Pedro I, desta vez o governo Bolsonaro importou o coração embalsamado do monarca para a sua festa macabra. A convocação deste dia 7 ocorreu junto às ameaças de golpe e às intimidações de um governo que, a menos de um mês das eleições, se vê com poucas chances, mesmo com o bilionário pacote eleitoral.

FERIADO TRANSFORMADO EM CAMPANHA ELEITORAL

O que se viu neste 7 de Setembro, porém, teve um tom maior de campanha eleitoral do que de ameaça de ditadura, tentando ir além dos 30% de apoio em que está estagnado e, ao mesmo tempo, buscando produzir imagens para embalar seu discurso de que é maioria e só não será reeleito se as eleições forem fraudadas.

Tudo, como não poderia deixar de ser, permeado pelo discurso machista e misógino de Bolsonaro e com toda estrutura do Governo Federal e das Forças Armadas.

O bolsonarismo moveu algumas dezenas de milhares de



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3RX731N](https://bit.ly/3RX731N)

peças para os atos em Brasília, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Mostrou que, embora esteja atrás nas pesquisas, permanece com capacidade de mobilização de seu núcleo mais duro, inclusive na base das forças de segurança. Ou seja, mesmo que perca as eleições, vai se manter como força ativa e mobilizada no futuro.

Foi vergonhoso o papel desempenhado pelas direções do movimento, com o PT à frente, que desmobilizaram os protestos contra as ameaças bolsonaristas, promovendo comícios eleitorais em seu lugar.

Isso desarma a classe, deixa a ultradireita à vontade para seguir ameaçando, e planta, ainda, mais ilusões nas eleições, como se uma vitória eleitoral fosse capaz de acabar com o bolsonarismo, ainda mais quando são justamente a crise do sistema e os fracassos dos governos de conciliação com a burguesia, como os que fez e pretende repetir o PT, os responsáveis pelo crescimento da mesma.

UMA FALSA INDEPENDÊNCIA

A campanha e o discurso do bolsonarismo pegam carona num nacionalismo fajuto, que esconde o fato de que seu governo, com a cúpula das Forças Armadas a tiracolo, é um dos mais entreguistas da História. Um governo capacho do impe-

rialismo, disposto a entregar o país de bandeja, das estatais à Amazônia, passando por todas as nossas riquezas.

A realidade é que o Brasil nunca foi um país independente. A “independência” sem abolição da escravidão e sem colocar fim à monarquia foi pactuada com a metrópole portuguesa e sucedida pela submissão ao imperialismo inglês e, depois, ao norte-americano e demais países ricos.

No último período, o país passa por um acelerado processo de recolonização, voltando ao seu antigo papel de mero exportador de commodities ao mercado internacional, algo que Bolsonaro defende e luta para se mostrar como o melhor para levar isso até o fim, batendo continência para a bandeira norte-americana.

A alternativa Lula-Alckmin não representa uma alternativa para o Brasil conquistar a sua soberania. Basta dizer que nos governos Lula e Dilma o país deu continuidade à política de FHC, avançou nessa localização de maior desnacionalização da economia e de fornecedor de matérias-primas ao mercado internacional, com o agronegócio e a indústria extrativista, ao custo da desindustrialização, do rebaixamento tecnológico, da destruição do meio ambiente e da vida das populações indígenas, quilombolas e ribeirinhas.

Mas não é só isso. A econo-

mia do Brasil, hoje, é dominada por não muito mais do que 100 grandes empresas. E estas por alguns poucos grandes investidores e banqueiros internacionais. São grandes grupos econômicos que se apropriam do que é produzido pela classe trabalhadora e dividem os lucros entre alguns bilionários nacionais e estrangeiros.

As remessas de lucros e mecanismos como a dívida pública são dutos que canalizam grande parte das riquezas produzidas pela classe trabalhadora no Brasil para megainvestidores estrangeiros e países ricos, com a cumplicidade de uma burguesia brasileira que é sócia na rapina do país e pouco se importa se os trabalhadores e a maioria do povo brasileiro vivam de mal a pior.

É impossível termos uma verdadeira soberania e sairmos do jugo do imperialismo estando junto e governando com grandes empresários, o mercado financeiro, o agronegócio, e setores da direita, como Alckmin.

NESTAS ELEIÇÕES, SOBERANIA E INDEPENDÊNCIA É 16

Para ter independência e soberania plenas é preciso enfrentar o imperialismo, estatizar as 100 maiores empresas e multinacionais que controlam a economia e proibir as remessas de lucros. É preciso reestatizar as empresas privatizadas, incluín-

do, aí, a Petrobras que, hoje, tem a maior parte de suas ações negociadas em Nova Iorque. Como também, suspender o pagamento da dívida pública, para investir em empregos, saúde, educação, moradia, meio ambiente, saneamento, reforma agrária e agricultura familiar.

Não é possível ter soberania e independência sem atacar os lucros e propriedades das grandes empresas, nacionais e estrangeiros, que, juntas, submetem o país. E isso só classe trabalhadora, juntamente com os setores populares, pode fazer, com organização, mobilização e um projeto independente da burguesia, instituindo um governo socialista dos trabalhadores.

E só dá para garantir essa alternativa fortalecendo um projeto socialista e revolucionário no país, ganhando o maior número de trabalhadores, jovens e setores oprimidos para a construção dessa saída.

A chapa do PSTU e do Polo Socialista Revolucionário, Vera e Raquel Tremembé, tem o objetivo de fortalecer este projeto socialista e revolucionário. Cada voto nestas eleições é útil na construção dessa alternativa e, por isso, é o único voto que pode fortalecer a classe trabalhadora, com consciência, organização e luta.

Entre nessa luta com a gente. Vamos de 16!

7 DE SETEMBRO

Uma independência onde não se ouviu o grito do povo

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

Em meio aos festejos do Bicentenário da Independência, a grande mídia e mesmo alguns historiadores revisionistas tentam apresentar uma versão da história brasileira que não condiz com os eventos reais.

Seriados, novelas e reportagens com “especialistas” procuram glamorizar uma monarquia decadente e arcaica; humanizar um Imperador devasso, autoritário e comprometido com a instituição da escravidão; e, ainda, apresentar uma suposta participação popular no processo de independência. Mas a história real foi bastante diferente: negros, indígenas e a população pobre da Colônia praticamente não tiveram papel no movimento.

O processo de independência do Brasil foi um acerto das classes dominantes da época. Uma resposta das elites, monárquicas e escravagistas, a uma tentativa de recolonização do Brasil pelas Cortes, um tipo de Parlamento português, instituído após a Revolução Liberal do Porto, de 1820, e que pretendia criar uma constituição nacional.

Essas Cortes exigiam o retorno do rei D. João VI a Portugal, onde ele teria seu poder absoluto restringido. Também defendiam que o Brasil retrocedesse ao status de colônia, uma vez que, desde 1808, com a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro (em fuga de Na-

poleão Bonaparte), o país havia se tornado o centro da metrópole portuguesa e do reino.

Diga-se de passagem, o fato da colônia abrigar a sede da metrópole (algo inédito em toda história) é a primeira explicação para que o Brasil não tenha sido dividido em várias pequenas nações, tal como ocorreu na América Espanhola.

Pressionado, D. João VI voltou a Portugal, mas, antes, disse ao seu filho, em 24 de abril de 1821: “Pedro, se o Brasil se separar, antes seja para ti, que hás de me respeitar, do que para algum aventureiro”.

UM ACERTO DAS ELITES

A vinda da Família Real em 1808 rompeu o isolamento do Brasil no mercado mundial. A transferência da Corte resultou em várias reformas econômicas, sendo a mais importante delas a abertura do Brasil às importações e exportações de mercadorias, sobretudo para a Inglaterra, a nação dominante do capitalismo mundial da época, inimiga de Napoleão e que havia ajudado a Família Real a escapar da Europa.

O resultado foi o surgimento de uma burguesia “metropolitana” que ficava na colônia, cada vez mais enriquecida pelas reformas de D. João. O retorno do Brasil à condição de colônia prejudicaria seus negócios e lhes traria prejuízos. Por isso, optaram por uma saída melhor: a independência, proclamada pelo filho do rei português.

Mais importante ainda: a independência seria feita de



Quadro “Independência ou Morte” de Pedro Américo, de 1888. Na esquerda, o povo é retratado como mero espectador da independência.

forma “pacífica” e manteria a odiosa escravidão da população negra. O comprometimento de D. Pedro com a escravidão, junto às elites, é a segunda explicação para o Brasil não ter se dividido em várias nações.

Tudo isso foi muito diferente do processo de independência das repúblicas da América Hispânica, onde houve sangrentas guerras civis, tais como as lideradas por Simón Bolívar e José de San Martín, com forte participação popular e que, por isso mesmo, derrotaram a metrópole espanhola. Não por acaso, a conquista da independência nessas nações também resultou no fim da escravidão e na criação de regimes republicanos.

COMO O DIABO FUGINDO DA CRUZ

Além de atentos aos que se passava no resto do continente, no Brasil, as elites escravagistas temiam qualquer participação popular no processo de independência. Temiam, sobretudo, uma revolução de escravos, tal como ocorrera no Haiti,

entre 1791 e 1804. E, por isso, salvo raras exceções, como no caso da Bahia (leia ao lado), por mais que existissem setores e movimentos populares que há muito defendessem e lutassem pela independência, o processo foi conduzido de tal forma a se antecipar a eles e os excluírem.

Algo que foi representado no famoso quadro “Independência ou Morte”, de Pedro Américo, pintado mais de 60 depois, como uma obra de propaganda ideológica do Segundo Império e da ideologia Positivista que predominava na época.

Nele, o povo é tratado como mero espectador, forçado a observar a transformação do Brasil em nação independente, pelas mãos militarizadas dos acompanhantes de um “heróico” D. Pedro, vendo tudo de fora.

NASCEU DEPENDENTE

Em 1825, para ter sua independência reconhecida, o Brasil aceitou pagar a dívida externa que Portugal tinha com a Inglaterra, num valor de dois milhões de libras esterlinas. E,

também, pagou outras 600 mil libras diretamente a Portugal. Para obter esse valor, o Brasil fez um empréstimo junto ao banqueiro Rothschild (3,6 milhões de libras), intermediado pelo corrupto marquês de Barbacena, um senhor de escravos que, ainda, negociou com a Inglaterra um prazo maior para manter a escravidão. Foi o começo da nossa dívida externa. O Brasil já nascia dependente.

INDEPENDÊNCIA DE VERDADE

A independência política formal foi seguida de outras formas de dominação e de dependência em relação às potências estrangeiras. Por isso, não temos porque comemorar algo que não existe. Passados 200 anos, o Brasil ainda precisa de uma independência de verdade, que só pode ser conquistada pelos trabalhadores e oprimidos, na luta pelo socialismo.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3EXVUGR](https://bit.ly/3EXVUGR)

2 DE JULHO

A guerra pela independência na Bahia

Uma honrosa exceção à exclusão popular, entretanto, aconteceu na Bahia, onde a população foi levada a lutar pela independência quando as tropas portuguesas não aceitaram a ruptura do Brasil com Portugal. Aí, foram, majoritariamente, os negros e negras, tanto escravos quanto alforriados, as mulheres e o povo pobre em geral que estiveram na linha de frente da luta anticolonial contra a dominação lusitana no Brasil.

Por isso, nomes como o de Maria Quitéria de Jesus Medeiros, Maria Felipa, dentre outros, devem, sim, ser lembrados como heróis da independência brasileira. A guerra terminou apenas em 2 de julho de 1823, data em que a independência é comemorada pelo povo baiano em grandes festas populares e não com desfiles de tanques e soldados, como o 7 de setembro.

No entanto, o Brasil ainda continuaria a ser o último país a abolir a escravidão, sustentada pela monarquia a ferro e fogo por mais longos 66 anos.

POLÊMICA

O programa de Lula: neoliberalismo ou desenvolvimentismo?

JULIO ANSELMO,
DE SÃO PAULO (SP)

O PT fala em “adotar uma estratégia nacional de desenvolvimento justo, solidário, sustentável, soberano e criativo, buscando superar o modelo neoliberal que levou o país ao atraso”. O centro deste projeto é aumentar os gastos do Estado em supostos investimentos para impulsionar os empresários brasileiros e estrangeiros, com o objetivo de aumentar a produção e reindustrializar o país.

Mas será que, nos marcos do capitalismo, é possível desenvolver o país, resolver os problemas da vida dos trabalhadores e trabalhadoras, acabando com nosso atraso e as desigualdades sociais crônicas?

Bolsonaro é um governo neoliberal, principal responsável pela tragédia social e econômica do país, hoje. O que se convencionou chamar de neoliberalismo é a política econômica ca-

pitalista, impulsionada a partir dos anos 1970, que inclui desde privatização e desnacionalização das economias dos países periféricos, até a exigência de uma política fiscal que limite os investimentos nas áreas sociais, significando, também, um desmonte dos serviços públicos.

Tudo isto baseado num tripé formado por câmbio flutuante, meta de inflação e superávit primário, utilizado para garantir a remuneração dos capitalistas, através da dilapidação do orçamento público.

PT NÃO ROMPERÁ COM LÓGICA NEOLIBERAL

Os governos do PT não romperam com estas medidas neoliberais. Nem romperão. Por exemplo, uma das expressões mais nítidas do neoliberalismo nos últimos anos é a Lei do Teto de Gastos. E Lula, mesmo quando critica esta lei, reafirma que irá respeitar o teto de gastos, apenas de-



marcando que, por ser bom respeitador da responsabilidade fiscal, ele não precisará usar da lei.

Em seus governos anteriores, ao mesmo tempo em que seguia o neoliberalismo, o PT tentou impulsionar setores especiais da burguesia, através de incentivos do Estado. É isto que chamam de “desenvolvimentismo”.

O que aconteceu? Depois do “boom” dos preços das

commodities e do esgotamento do ciclo de crescimento econômico mundial, a medida se provou incapaz de fazer o país avançar, gerando apenas reprimarização da economia (foco na exportação de recursos agrícolas e minerais) e mais dependência do imperialismo. Ou seja, seguimos atrasados e retardatários e nos limitando a simples produtores de commodities.

Mesmo essa alternância (entre mais ou menos gastos estatais) corresponde ao funcionamento normal do capitalismo. É a alternância dos ciclos econômicos e das necessidades do próprio capital. Na verdade, por mais que digam o contrário, não há uma contraposição entre este suposto “desenvolvimentismo” do PT e o neoliberalismo.

SÓCIO DO IMPERIALISMO

Não existe burguesia “desenvolvimentista”

Óbvio que há conflitos de interesses entre os setores burgueses. Mas isto não significa que a realidade se explique, como vê o PT, através da luta entre um setor neoliberal da burguesia contra outro setor, supostamente desenvolvimentista. Ou entre um setor financeiro contra o setor produtivo; ou, ainda, que coloque a burguesia nacional versus a burguesia estrangeira. Muito menos quer dizer que exista algum setor progressivo, que atenda aos interesses dos trabalhadores, em contraposição a outro, reacionário.

Primeiro porque, na atual fase do sistema, os setores capitalistas estão interligados e dominados pelo capital fi-

nanceiro, que domina não só as finanças, mas as indústrias, o setor comercial e o campo. Basta vermos o domínio dos bilionários fundos de investimento e bancos, controlando grandes conglomerados industriais. Então, esta divisão entre setor produtivo e especulativo não se sustenta. Estão todos interligados.

Segundo, não há uma burguesia nacional contraposta à imperialista. Mas, sim, uma burguesia nacional associada ao imperialismo. Uma burguesia que nasceu atrelada à burguesia internacional, em uma ligação umbilical. O imperialismo explora o país diretamente com suas próprias empresas e indiretamente, atra-

vés da sua ligação com as empresas brasileiras. De tal modo que uma libertação do imperialismo pressupõe a derrota da própria burguesia nacional.

UMA BURGUESIA PARASITÁRIA E REACIONÁRIA

Terceiro, no Brasil, a burguesia se tornou parasitária e financeira antes de ter concluído vários aspectos do desenvolvimento industrial capitalista visto em outros países. O país foi construído sobre o tacho do capitalismo, desde sempre associando formas sociais e produtivas arcaicas com as modernas, de tal modo que nossa burguesia se tornou



reacionária, antes mesmo de ter sido progressiva em algum momento da história.

Portando, o objetivo do PT é, na verdade, justificar sua tese de apoiar e governar o capitalismo. Assim, tenta dissolver a luta real (que se trava entre os interesses dos trabalhadores e

da burguesia) em uma disputa entre setores burgueses, levando os trabalhadores à submissão a um suposto setor burguês “desenvolvimentista”.

Mas a história do país demonstra o contrário. Não há possibilidade de desenvolvimento econômico e social sem romper com o imperialismo, sem expropriar a burguesia e sem tomar medidas de transição ao socialismo. Por isso, dizemos que, para derrotar o neoliberalismo, precisamos derrotar o capitalismo, enfrentar os super-ricos e as 100 maiores empresas que controlam mais de 60% do Produto Interno Bruto (PIB) do país.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3BVCKB5](https://bit.ly/3BVCKB5)

VALE DO PARAÍBA (SP)

Vera vai às fábricas, conversa com operários e participa de caminhada no Centro de São José dos Campos



DA REDAÇÃO

Na última terça-feira, dia 6, Vera participou de várias atividades em cidades do Vale do Paraíba, em São Paulo. Logo cedo, ela visitou a fábrica metalúrgica MWL Rodas e Eixos Ltda., na cidade de Caçapava, que está ocupada pelos trabalhadores e trabalhadoras. A candidata do PSTU e do Polo Socialista Revolucionário defendeu que a empresa, que um dia já foi estatal, volte para o poder público, sob o controle dos operários.

Em seguida, Vera conversou com os trabalhadores e trabalhadoras da Avibras Indústria Aeroespacial, em Jacareí. Ela falou sobre a necessidade da estatização desta empre-

sa estratégica, a situação de desindustrialização do país e apontou medidas necessárias, como a redução da jornada de trabalho, sem redução de salários, para gerar empregos.

“Nós não podemos permitir que o parque industrial brasileiro seja desmantelado e o Brasil volte à condição de colônia exportadora de alimentos e de minérios. Nós precisamos, inclusive, que esse país amplie seu parque industrial, gere empregos e reduza jornada de trabalho. E todas as empresas que fecharem, que ameacem fechar, é um dever nosso assegurar que sejam estatizadas e colocadas sob o comando dos operários que nelas trabalham, com o controle da população”, disse.

Após o encontro com os trabalhadores da Avibras, Vera se reuniu com aposentados e pensionistas na sede da Associação Democrática dos Aposentados e Pensionistas do Vale do Paraíba (ADMAP), em São José dos Campos. Na reunião, Vera defendeu a Previdência Pública, o SUS e os direitos dos aposentados e pensionistas.

Na sequência, acompanhada da militância do partido e de nossos candidatos na região, Vera caminhou pelo Centro de São José dos Campos. A maratona de atividades se encerrou com uma reunião com operários, sindicalistas e ativistas, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3EFW6MV](https://bit.ly/3EFW6MV)

AGENDA

Vera fez um giro pelo Sul do Brasil

Entre 29 de agosto e 3 de setembro, Vera fez um giro pelo Sul do país, visitando as cidades de Passo Fundo, Caxias do Sul, Santa Maria e Porto Alegre (Rio Grande do Sul); Florianópolis e Palhoça (Santa Catarina) e Curitiba (Paraná).

Vera participou de plenárias, almoços, panfletagens em fábricas e conversou com a população, apresentando um programa socialista e revolucionário, com medidas para atender às necessidades mais sentidas do povo pobre e trabalhador.

RIO DE JANEIRO

Cyro Garcia tem 6% dos votos válidos na pesquisa do IPEC



A última pesquisa IPEC para o governo do estado do Rio de Janeiro, encomenda-

da pela TV Globo e divulgada na última terça-feira, dia 6, mostra que Cyro Gar-

cia, candidato do PSTU e do Polo Socialista Revolucionário, segue em 4º lugar, com 4% das intenções de voto. Quando se considera apenas os votos válidos, Cyro pontua 6%.

Cyro Garcia segue com um bom resultado nas pesquisas, apesar de todo o bloqueio da mídia às candidaturas do PSTU. Cyro não tem tempo de propaganda de TV e tem espaço menor nas entrevistas, apesar de que, desde o início da campanha, tenha permanecido em empate técnico, na 3ª posição.

No primeiro debate entre candidatos do Rio de Janeiro, realizado pela Rede Bandeirantes, há um mês, Cyro foi excluído. No seu lugar, a emissora convidou o candidato do partido Novo, uma candidatura sem qualquer expressão no estado, que nunca pontuou acima de 1%.

“O nosso bom resultado nas pesquisas é expressão de que nosso programa de ruptura com os interesses dos bilionários do Rio de Janeiro tem o apoio dos trabalhadores. Também estamos ocupando um espaço aberto

pelo enorme giro à direita do Marcelo Freixo, e do apoio do PSOL à chapa Freixo/Cesar Maia”, explicou o candidato.

A campanha de Cyro Garcia governador, com Samantha Guedes vice-governadora, segue firme, com a garra da militância do PSTU e dos companheiros do Polo Socialista e Revolucionário no Rio de Janeiro, defendendo uma alternativa da classe trabalhadora, da juventude e dos setores oprimidos, que enfrente os ricos e as grandes empresas e fortaleça a construção de uma sociedade socialista.

PROGRAMA

Para acabar com a pobreza precisamos expropriar os bilionários



DA REDAÇÃO

O Brasil é a 9ª maior economia do mundo, um dos maiores produtores e exportadores de alimentos e o maior de carne bovina. Então, o que explica termos 33 milhões de pessoas passando fome, metade da população com algum tipo de insegurança alimentar e quase 50 milhões sobrevivendo abaixo da linha de pobreza? E o que explica a brutal desigualdade social, que permite que, nessa situação tão dramática, 62 bilionários concentrem uma fortuna maior que a renda reunida de mais da metade da população?

A dura realidade é que, entre governos que se dizem de “esquerda” ou de direita, a situação de penúria da grande maioria da população não muda. Não só não melhora, como vem piorando drasticamente, no esteio do processo de crise e decadência enfrentado pelo país nos últimos anos. E isso por uma única razão: os diferentes governos mantêm a estrutura que perpetua uma história de 500 anos de exploração, opressão e pilhagem. Reproduzem o sistema capitalista, responsável por manter a riqueza de um punhado de pessoas à custa da miséria, da fome e da exploração de milhões.

CAPITALISMO É ROUBO

Essa não é uma frase de efeito, mas a descrição precisa de como funciona o sistema capitalista. Toda riqueza produzida na sociedade, do minério que é extraído em uma mina da Vale, em Minas Gerais, ao avião fabricado com tecnologia de ponta pela Embraer, em São José dos Campos, é feita pelas mãos da classe trabalhadora.

A questão é que essa riqueza não fica com quem, de fato, a produziu, mas é apropriada por um punhado de pessoas, no caso os grandes acionistas, que nunca pisaram num chão de fábrica na vida. Enquanto um mineiro da Vale se mata de trabalhar para receber um salário de miséria, um grande acionista, que apenas detém um papel que diz que ele possui um pedaço daquela empresa, ganha bilhões, sem mover um dedo.

Ou seja, um trabalhador produz não só o que ele vai receber na forma de salário, mas, também, o lucro que é apropriado pelo patrão, ou os acionistas, e o que vai para o Estado, na forma de impostos. Na verdade, os salários são a menor parte dessa divisão.

Como medir esse roubo legalizado? A pedido do Opinião Socialista, o Instituto Latino-Americano de Estudos Socioeconômicos (Ilaese) realizou um levantamento a partir das 100 maiores empresas que, juntas, controlam 61% da economia brasileira. Dessas, 72 têm capital aberto; ou seja, possuem ações negociadas na Bolsa de Valores e, por isso, são obrigadas a divulgar dados e planilhas. O resultado é ilustrativo sobre a divisão desigual das riquezas e a expropriação de sua maior parte pela burguesia.

Só essas 72 empresas têm uma receita equivalente a 53% do PIB (o Produto Interno Bruto, ou tudo que é produzido no país em um ano). Do que elas produzem, só 19% são revertidos para os trabalhadores, enquanto o lucro representa 31%. Estamos falando de 2,5 milhões de trabalhadores de um lado, que ficam com 19% de tudo o que é produzido, e alguns poucos grandes acionistas, do outro, que abocanham 31%.

Caso pudéssemos representar essa proporção como um ano de trabalho, o trabalhador produziria seu próprio salário em apenas dois meses e sete dias. O restante do ano, ele trabalha de graça para os patrões, os banqueiros e para o Estado.

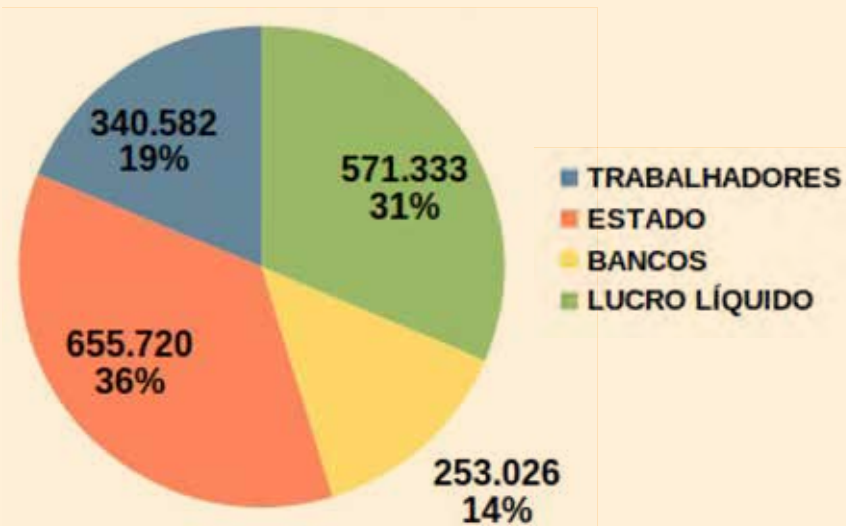
A maior parte da nossa economia é controlada, então, por 100 grandes empresas que, por sua vez, são controladas por alguns poucos megainvestidores e bilionários, cujas fortunas e propriedades são frutos do tempo de trabalho roubado do trabalhador, lá embaixo.

DESEMPREGO IMPULSIONA LUCROS DOS BILIONÁRIOS

Outro levantamento do Ilaese mostra que, na verdade, ao contrário do discurso oficial de que, hoje, o desemprego gira em torno dos 10%, a maioria

DIVISÃO DO BUTIM

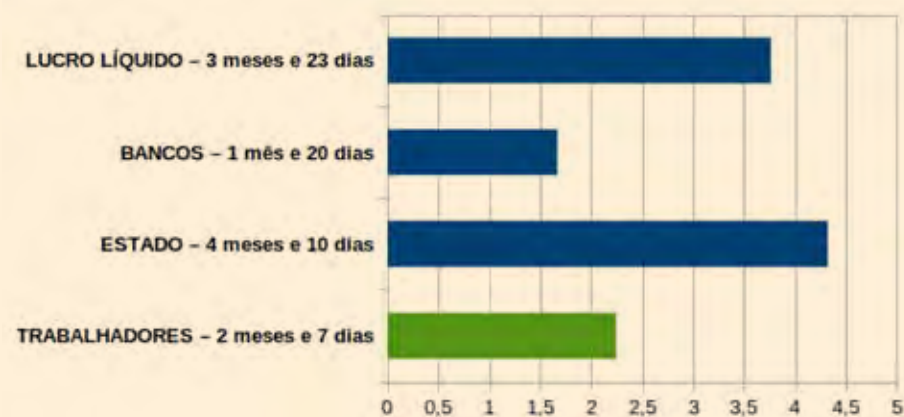
Distribuição de riqueza: 72 dos 100 maiores grupos econômicos do país (em milhões de reais)



Fonte: IBGE, Relatórios Anuais das 100 empresas consideradas, Exame Valor Econômico. Elaboração Ilaese

ROUBO LEGALIZADO

Distribuição de riqueza: dos trabalhadores das 72 maiores empresas do país (em 12 meses de trabalho)



Elaboração Ilaese

dos trabalhadores no Brasil está fora do mercado formal de trabalho.

São milhões de pessoas sem emprego ou trabalhando na informalidade, em subempregos e na mais completa precariedade, formando um enorme exército industrial de reserva. Esta situação exerce, no capitalismo, uma permanente pressão e chantagem sobre os trabalhadores assalariados, forçando os salários e direitos para baixo e aumentando os lucros das grandes empresas.

Para a sociedade em geral, é um enorme desperdício, já que todos poderiam estar trabalhando e produzindo. A incorporação dessas pessoas no mercado de trabalho possibilitaria uma enorme redução

na jornada de trabalho para todos e, ao mesmo tempo, elevaria a produtividade. Não de produtos e serviços supérfluos e danosos ao meio ambiente, mas com trabalho realmente essencial para a maioria da população.

O desemprego em massa, o rebaixamento dos salários e direitos e a carestia sustentam, assim, esse sistema que funciona para manter, no topo da pirâmide, os lucros e propriedades de alguns poucos bilionários que parasitam o trabalho da maioria do povo. E é por isso que, sem atacar os bilionários e as grandes empresas, não há como resolver os problemas da classe trabalhadora e mudar, pra valer, as condições de vida da maioria da população.

RECOLONIZAÇÃO

Exploração a serviço da submissão ao imperialismo

A análise dos 100 maiores grupos econômicos do país não só mostra que a nossa economia é monopolizada por algumas poucas grandes empresas; mas, também, expõe o processo de recolonização do país, já que, dentre esses megagrupos econômicos, destacam-se aqueles ligados ao setor primário, ou seja, extrativista e agropecuário, voltados à exportação. Ou seja, o papel relegado ao Brasil pelo imperialismo é o de retrocesso a uma condição de colônia exportadora de produtos primários.

Esse processo não ocorre, porém, como se poderia pensar, através de empresas brasileiras que exportam para o mercado internacional, mas através de empresas que, em-

bora formalmente brasileiras, são controladas majoritariamente por grandes acionistas estrangeiros.

O maior exemplo disso é a própria Petrobras, uma empresa estatal, mas cuja maioria das ações se encontra nas mãos de investidores estrangeiros. Dos mais de R\$ 101 bilhões de dividendos (fatia do lucro líquido que a Petrobras aprovou distribuir para os acionistas), só R\$ 37 bilhões foram reservados à União. Quase R\$ 64 bilhões vão para os acionistas privados e, destes, R\$ 41 bilhões para os estrangeiros. O retrocesso e recolonização do país, assim, são dirigidos para e pelo imperialismo.

Outro mecanismo pelo qual ocorre a rapina do Brasil é a simples remessa de lucros

SANGRIA DESATADA

Recursos que migraram para dentro e para fora do país (em milhões de reais)



para o exterior. Em 2021, essa remessa bateu recorde e ultrapassou os R\$ 390 bilhões.

É também parte da riqueza produzida pelo trabalhador, aqui, e que é apropriada por

alguns poucos grandes investidores nos Estados Unidos, Alemanha, França, etc.

ACUMULAÇÃO

No capitalismo, o Estado é instrumento de roubo dos trabalhadores

É muito comum assistirmos na televisão, ou lermos nos jornais, economistas do mercado reclamando do “tamanho” do Estado, fazendo uma contraposição entre o Estado e a iniciativa privada. Mas o que acontece, na prática, é justo o oposto. O Estado

capitalista funciona justamente para manter e garantir o mecanismo de exploração da classe trabalhadora. Mais do que isso, ele próprio atua para roubar parte do que é produzido pela classe, em prol dos capitalistas.

Primeiro, porque o Estado

se mantém através de impostos pagos pelos trabalhadores e trabalhadoras. Além do fato de que os recursos que a burguesia repassa para a manutenção do Estado terem sido produzidos pelos próprios trabalhadores, mais de 90% da carga tributária recaem dire-

tamente sobre a classe. Então, essa história de que o “setor produtivo” (que é como a burguesia chama a si própria para esconder que é uma classe parasitária) paga muito imposto é um mito. Quem paga imposto no Brasil são, essencialmente, a classe trabalhadora e a classe média.

Segundo, o aumento dessa carga tributária não significa mais investimentos em áreas como Saúde e Educação. Em geral, é o contrário. Basta dizer que essa carga de impostos nunca foi tão alta quanto sob o governo Bolsonaro, justo num momento em que as áreas sociais são sucateadas e os investimentos reduzidos.

Isso acontece porque, principalmente em momentos de crise, o Estado garante, através de terceirizações e outros gastos, a realização dos lucros do setor privado. Ou seja, trata-se de outra forma de transferir as riquezas da classe trabalhadora para a burguesia.

E é principalmente a divi-

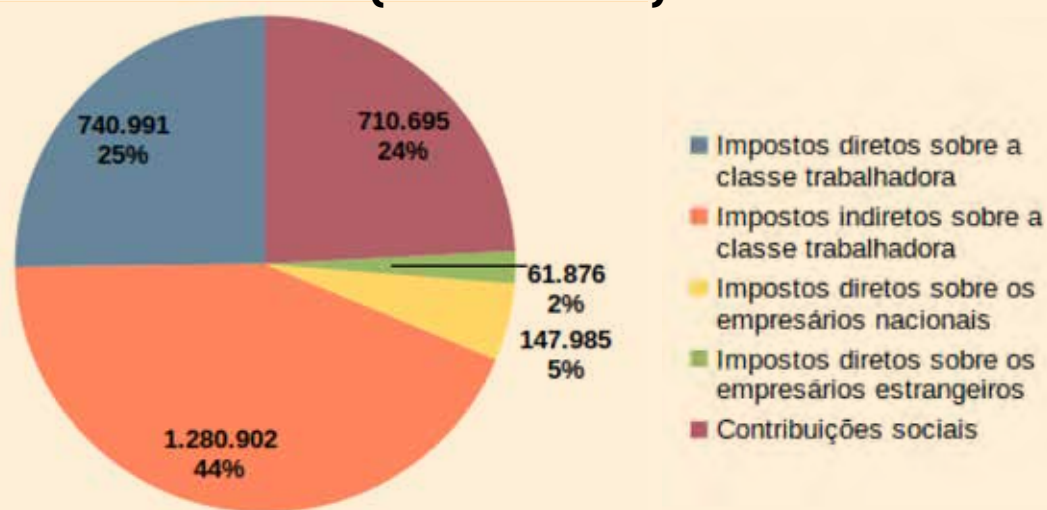
da pública que faz parte desse mecanismo. O Estado absorve o capital privado que está ocioso, porque não encontra outro setor para ser valorizado, como uma forma de empréstimo, através de títulos da dívida pública, gasta esse dinheiro e, depois, devolve ao detentor desse título esse valor multiplicado, através de juros exorbitantes.

Em momentos de crise, como a partir de 2014, esse endividamento é maior que as demais receitas. Mas, logo em seguida, essa via se inverte e a grana volta turbinada. Para quem? Para banqueiros e megainvestidores, que são os maiores portadores de títulos da dívida. E de onde saem os recursos que vão remunerar esses bilionários? Dos impostos pagos pelos trabalhadores e através de novos cortes nas áreas sociais.

Em 2021, por exemplo, as despesas com juros e amortizações dessa dívida saltaram de 39,49% para 51,25% do Or-

CARGA INJUSTA

Distribuição dos impostos por classes sociais em 2021 (milhões de reais)



Fonte: Relatórios Carga Tributária do Governo Federal - Tesouro Nacional. Elaboração ILAEE

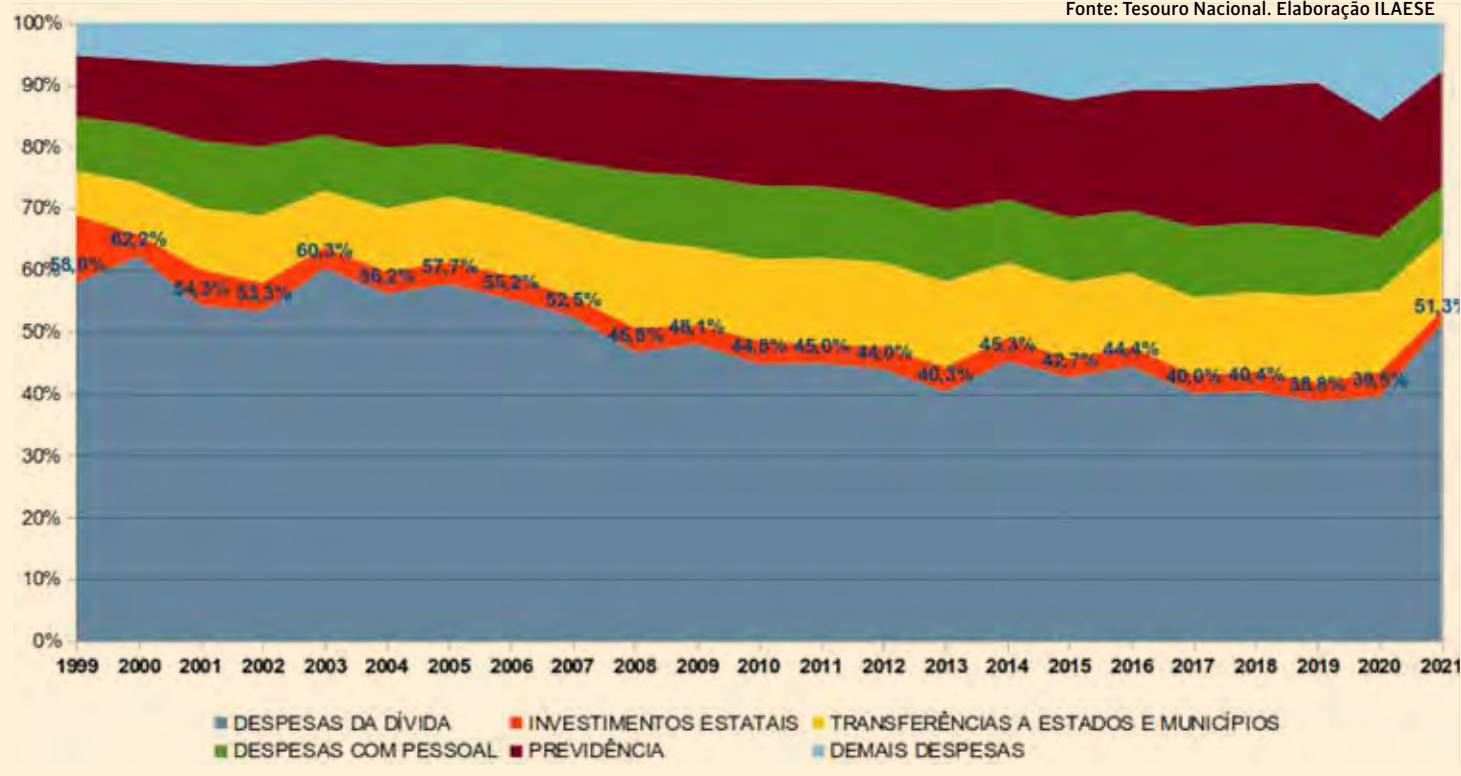
çamento. Ao mesmo tempo, a carga tributária bateu recorde (33,9%) e os investimentos públicos e despesas com pessoal desceram a um nível também recorde.

Fosse invertida essa lógica, e o Estado não servisse para remunerar banqueiros e grandes empresários à custa dos trabalhadores, mas, ao contrário, para garantir as necessidades da maioria da população, indo atrás de quem tem dinheiro (ou seja, dos capitalistas), seria possível não só garantir pleno emprego, como saúde, educação, moradia, saneamento básico e demais condições de vida para a maioria do povo. Isso, porém, nunca vai acontecer nos marcos do capitalismo, porque, nesse sistema, o Estado funciona justamente para manter o domínio da burguesia e de sua exploração sobre a classe trabalhadora.

DÍVIDA ETERNA

Despesas da União

Fonte: Tesouro Nacional. Elaboração ILAEE



EXPROPRIAR OS BILIONÁRIOS E AS GRANDES EMPRESAS

Tomar daqueles que nos roubam

Para acabar com o desemprego, a fome, a carestia e garantir serviços públicos de qualidade a todos e todas, como saúde e educação, é preciso inverter a atual lógica que expropria a maior parte das riquezas produzidas pela classe trabalhadora e a concentra num pequeno grupo de grandes empresas e bilionários.

E isso se faz não só taxando fortemente os lucros e fortunas dos super-ricos, mas expropriando as 100 maiores empresas que controlam a maior parte da nossa economia e colocando-as sob controle dos trabalhadores, para

que atuem não em prol dos lucros de poucos, mas para satisfazer as necessidades da maioria da população.

Ao contrário do argumento de que isso seria um “roubo”, é tão somente retomar o que foi construído pela classe trabalhadora, essa, sim, roubada diariamente e por todos os lados. O que hoje é desviado na forma de lucro e remetido para fora poderia ser investido para os próprios trabalhadores, a começar pela produção. A Petrobras, por exemplo, poderia produzir e vender combustível e gás de cozinha muito mais baratos para a população, e não enriquecer

meia dúzia de megainvestidores na Bolsa de Nova York.

O controle das grandes empresas e multinacionais ligadas ao agronegócio poderia garantir a produção de alimentos para a população, e não para a exportação, respeitando o meio ambiente e os povos originários, quilombolas e ribeirinhos. O controle das grandes redes varejistas, por sua vez, garantiria a distribuição, principalmente dos produtos mais básicos, sem inflação ou especulação, combatendo a carestia.

Numa economia planejada e socialista, a produção anárquica capitalista, voltada

ao lucro a qualquer custo, seria substituída pela produção para a satisfação das necessidades da classe trabalhadora e da população.

Isso significaria, por exemplo, trocar o modelo atual de produção em larga escala de produtos com validade programada, a fim de forçar uma rotatividade maior de mercadorias, por outras de melhor qualidade. Ou seja, não se trata necessariamente de produzir mais, mas de atender às necessidades da sociedade. Ainda, resultaria em um desenvolvimento tecnológico e científico em praticamente todas áreas e a superação

do atual modelo, que destrói a natureza em nome dos lucros, por outro, que seja plenamente sustentável e ecológico.

Invertendo a lógica capitalista da produção para a maximização do lucro, poderia-se, também, reduzir drasticamente a jornada de trabalho, abrindo vagas para quem precisa de emprego e acabando com o exército de reserva. Como também, inverter a precarização do trabalho, garantindo aumento nos salários e direitos plenos a todos.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3BVHY6H](https://bit.ly/3BVHY6H)

LIÇÕES DE MARX

‘Expropriando os expropriadores’

Esse é o termo que Marx usou para definir o processo de expropriação da grande propriedade capitalista pelas massas. Por que? Porque, no capitalismo, a classe trabalhadora foi expropriada, pela burguesia, dos seus meios de produção e de subsistência. Sem terra para plantar ou ferramentas para produzir e vender suas próprias mercadorias, criou-se o proletariado, a massa de trabalhadores que não tem outra opção a não ser vender sua força de trabalho aos capitalistas.

A burguesia não só expropriou o proletariado, mas parte dela própria, concentrando cada vez mais os meios de produção. Essa concentração e essa desigualdade cada vez maiores, com a classe trabalhadora tendo o seu trabalho roubado por todos os lados, só seriam resolvidas com a “expropriação dos expropriadores”, ou seja, dos capitalistas. Já que a burguesia expropriou os meios de produção da classe trabalhadora e a submeteu ao capital, roubando o fruto de seu trabalho na forma de lucro, o que estaria colocado, agora, seria o inverso: retomar os meios de produção das mãos da burguesia. O que, para Marx, seria algo bem mais fácil que a expropriação dos trabalhadores feita pelo capitalismo: “Tratava-se, ali, da expropriação da massa do povo por poucos usurpadores; aqui, trata-se da expropriação de poucos usurpadores pela massa do povo”.

RACISMO E MACHISMO

Sem negros no debates, as opressões correm soltas

WILSON HONÓRIO DA SILVA, DE SÃO PAULO (SP)

No dia seguinte ao primeiro debate entre os “presenciáveis”, promovido pelos canais Bandeirantes e Cultura, o portal da UOL e o jornal Folha de S. Paulo, em 28 de agosto, muitos destacaram os temas que ou estiveram completamente ausentes da discussão ou entraram nela de forma totalmente “atravessada”, em especial, o racismo e o machismo.

O tema racial, inegavelmente importante no país que tem a maior população negra fora da África e registra, cotidianamente, casos dos mais diversos de marginalização e violência, sequer foi abordado. Já a opressão das mulheres, que lamentavelmente inunda o noticiário com casos de feminicídio e discriminação, só ganhou destaque graças aos costumeiros ataques ultramachistas por parte de Bolsonaro. E a LGBTIfobia, como sempre, foi completamente invisibilizada.

Isto já seria inaceitável em qualquer situação, considerando o que Bolsonaro tem significado em relação a estes temas. Mas, como muito gente comentou nas redes sociais, a ausência dos temas, particularmente do racismo, chamou ainda mais a atenção em uma eleição que têm dois candidatos negros concorrendo à presidência e que sequer foram convidados: Léo Péricles (Unidade Popular) e Verá (PSTU). Sendo que nossa candidata ainda tem uma indígena, Raquel Tremembé, como vice.

QUANDO TANTO O “BERRO” QUANTO O SILÊNCIO DIZEM MUITO

Obviamente, estes não são os únicos temas urgentes que foram “esquecidos” por Ciro Gomes (PDT), Felipe D’Ávila (Novo), Bolsonaro (PL), Lula (PT), Simone Tebet (PMDB) e Soraya Thronicke (União Brasil). Dentre outros, a questão indígena e a tragédia ambiental e humana que atinge

as matas e campos do país foram igualmente deixados de fora.

No que se refere às opressões, o que temos visto (e o debate foi só um exemplo disto), não pode ser limitado ao tema da “representatividade”. O problema é programático e estratégico.

Por maior que seja a distância entre esbravejar preconceitos e se silenciar diante deles, os candidatos e candidatas presentes no debate esbarram num denominador comum que é um gigantesco obstáculo para que se apresente qualquer projeto que possa atacá-los frontalmente: a defesa da sociedade capitalista, que alimenta as opressões, para, ao mesmo tempo, superexplorar e dividir a classe trabalhadora e a juventude.

Neste sentido, Bolsonaro, assim como Trump, Putin (Rússia) ou Erdogan (Turquia) são exemplos extremos da excrescência que brotou do aprofundamento da crise do sistema e de uma ultradireita, conservadora e a reacionária, que trata negros(as), mulheres,



Debate excluiu candidatos negros como Vera do PSTU

LGBTIs, migrantes e povos originários como inimigos declarados, exatamente porque têm consciência de que, para explorar mais (e, consequentemente, manter as margens de lucros de seus comparsas) é preciso intensificar, ainda mais, o discurso de ódio.

A maioria dos demais candidatos se enquadra na perspectiva que a burguesia liberal, pressionada pelas intensas lutas, passou a adotar: a tentativa de, supostamente, se colocar ao lado destas lutas com o único objetivo de mantê-las nos marcos da democracia burguesa e do capitalismo, vendendo ilusões como a possibilidade de superar a discriminação através da ascensão social, do acesso ao consumo

ou de parcerias com empresários e banqueiros.

Uma ilusão que tem se esfacelado em função da própria crise do sistema; mas que, infelizmente, tem se renovado e sobrevivido pelas mãos do PT e seus aliados “reformistas”, já que eles partem da mesmíssima perspectiva: pregar o combate às opressões através da conciliação de classes, apenas recheando seus discursos com teses “pós-modernas” ou supostamente radicais, como a do “racismo estrutural”, cuja essência não vai além da defesa da farsa de que a luta contra a opressão passa pela conquista de “espaços de poder e prestígio” na sociedade capitalista.

RACISTA E MACHISTA

Bolsonaro e seu ‘show de horrores’



Bolsonaro ataca Vera Magalhães em debate.

No debate, o conhecido ódio d Bolsonaro pelos setores oprimidos ganhou forma

numa provocação asquerosa à jornalista Vera Guimarães, da TV Cultura.

“Acho que você dorme pensando em mim. Você tem alguma paixão em mim.”, esbravejou Bolsonaro, fugindo da questão levantada por Vera, em relação à baixa cobertura vacinal durante a pandemia.

Lamentavelmente, a “resposta” a Bolsonaro ficou por conta das duas mulheres presentes, o que também não deixa de ser um insulto à luta das mulheres. Tebet (MDB) é exemplar neste sentido, já que toda sua carreira vai na contramão da luta antimachista.

Filha e representante de latifundiários e do agronegócio no Mato Grosso do Sul, Tebet é, por exemplo, contra o aborto (para além daquilo já previsto na legislação); votou a favor das reformas da Previdência e Trabalhista, que atacaram de forma cruel mulheres, negros(as) e os setores mais explorados da população e defendeu a PEC do Teto de Gastos, que minou as verbas para a Educação e a Saúde.

Já Soraya Thronicke (União Brasil) carrega em seu currículo o fato de ter sido eleita, tam-

bém pelo Mato Grosso do Sul, em 2018, como “a senadora do Bolsonaro”, barca que ela só abandonou, em abril de 2021, quando o genocídio provocado pelo governo federal já havia ceifado quase 500 mil vidas.

Os demais candidatos presentes, contudo, não só se mantiveram calados diante do ataque como não disseram uma palavra sobre o porquê das mulheres, particularmente as negras, as periféricas, as indígenas e quilombolas, têm sido as mais direta e cruelmente atingidas pela crise do capitalismo.

MAIS DO QUE DESLIZES

Os ‘deslizes’ de Lula e outras declarações deploráveis

Aliás, lembrando que o PT se arvora do fato de ser oposto pelo vértice aos discursos preconceituosos de Bolsonaro, só se pode qualificar como

lamentáveis algumas das posturas que Lula vem adotando na campanha. Seu projeto de conciliação de classes também implica em alianças que

são verdadeiras arapucas para os setores oprimidos.

Alckmin, membro da ultraconservadora Opus Dei, dispensa comentários. O fler-

te com o extremamente LGBTIfóbico e defensor da cura gay Pastor Isidório de Santana (Avante-BA) é exemplo da “flexibilidade” de suas con-

vicções. Assim como o fato de que o PT fez circular nas igrejas evangélicas uma mais “tímida” da “Carta ao Povo de Deus”, lançada por Dil-



Lula com Pastor Sargento Isidório

ma, em 2010, na qual também defende o respeito aos “valores familiares e cristãos” para se descomprometer particularmente com as pautas das LGBTIs.

E, se não bastasse, Lula não se cansa de cometer “gafes”. Em 28 de agosto, em discurso no Vale do Anhangabaú (SP), o petista disparou: “Quer bater em mulher? Vá bater em outro lugar, mas não dentro da sua casa ou no Brasil, porque nós não podemos aceitar mais isso”.

Posteriormente, o ex-presidente tentou se desculpar pelos “atos falhos”. Contudo, acreditar que eles se resumam a isto é tão ingênuo quanto crer que Alckmin é apenas “um mal necessário”.

Ciro Gomes

Os discursos opressivos também estiveram nas bocas d outros candidatos. Em conversa com seus amigos da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, no dia 31 de julho, **Ciro Gomes**, escancarou todo seu elitismo e preconceito de

classe, ao afirmar que o encontro foi um “comício para gente preparada” e que seria um “serviço pesado” abordar os mesmos temas em favelas.

Já em 31 de agosto, no Piauí, o candidato ao governo pela União Brasil, **Sílvio Mendes**, iniciou uma resposta para a jornalista **Katya D’Angelles** com uma frase que, no mínimo, deveria levá-lo para a cadeia: “Você que é quase negra na pele, mas você é uma pessoa que é inteligente”.

RACISMO

Não há espaço para negros e negras na ‘democracia dos ricos’

O simples boicote da mídia aos candidatos negros (como também a completa ausência de jornalistas negros no debate) é exemplar do racismo brasileiro que, por trás do já muito desgastado “mito da democracia racial”, tem como uma de suas bases a permanente tentativa de exclusão de negros e negras de todos aspectos da vida social, ao mesmo tempo que nos mantém acorrentados aos piores indicadores sociais.

Afinal, somos 56% da população do país. Mas, segundo o “Atlas da Violência 2021”, somos 75,8% das vítimas de homicídios (2,6 vezes mais chances de ser morto do que uma pessoa branca) e, numa demonstração escandalosa de

que este é um sistema que nos nega o direito ao futuro, jovens negros e negras entre 15 e 19 anos são 81% das vítimas da violência letal.

Além disso, somos 79% das vítimas das “intervenções policiais”. E nossas mulheres, além de serem 61,8% das vítimas de feminicídio, concentram os piores índices de qualidade de vida. Só para dar um exemplo, durante a pandemia 41,5% daquelas que se declaram “pretas” perderam seus empregos. Um índice muito superior ao das mulheres brancas (28,2%).

É verdade que da parte de Bolsonaro, só podemos esperar mais do mesmo. Ou, ainda, coisa muito pior, basta lembrar a campanha de sua esposa Michele,

associando as religiões de matriz africana às “trevas”. Contudo, também é preciso dizer que Lula e o PT têm pouquíssima autoridade neste campo.

Afinal, os petistas ainda precisariam explicar o porquê, durante seus 13 anos de governo, por mais que tenham discursado e sido forçados a adotar medidas pontuais, muito em função da pressão das lutas e dos movimentos negros, não houve uma reversão significativa desses índices. Pelo contrário.

Na edição de 2017 do “Atlas”, foi constatado que, entre 2005 e 2015, de cada 100 vítimas de homicídio no país, 71 eram negras e, como demonstração de que as políticas assistencialistas do PT foram inefi-

Com empresários, **Ciro Gomes** diz: ‘Imagina explicar isso na favela?’

cazes para a população mais explorada e oprimida, neste mesmo período, enquanto houve um crescimento de 18,2% na taxa de homicídio de negros, a

mortalidade de indivíduos não negros diminuiu 12,2%, o que significou que, na média nacional, essa diferença contra os negros aumentou em 34,7%.

#QUEROVERANODEBATE

Vetar Vera é uma tentativa de silenciar uma saída socialista



A presença de Vera nos debates seria a garantia da reafirmação, como já disse **Malcolm X**, de que “não há capitalismo sem racismo”, machismo, LGBTIfobia ou xenofobia. Seria o resgate dos versos de **Solano Trindade**, lembrando que mulheres, LGBTIs ou “negros que são amigos do capital” não são nossos irmãos.

Seria colocar em rede nacional a defesa intransigente de que não há como combater a opressão sem lutar contra a exploração capitalista, como ela tem feito, ao lado da **Raquel**, nas ruas, nas portas de fábricas, na periferia e todos os cantos por onde tem passado. Seria fazer com que milhões de negros(as), mulheres,

LGBTIs e indígenas tomassem conhecimento da única forma de varrer a opressão e a exploração para o lixo da História: a organização e a luta por uma sociedade socialista. E, exatamente por isso, Vera tem sido vetada.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3L3LMBY](https://bit.ly/3L3LMBY)

ONDA DE GREVES

A classe operária britânica novamente se levanta

POR LIGA SOCIALISTA INTERNACIONAL
(INTERNATIONAL SOCIALIST LEAGUE - ISL)

A raiva e a determinação estão crescendo na luta contra os duros ataques dos patrões e do governo. As greves de setembro, nacionais e locais, incluem os sindicatos ferroviários, os trabalhadores dos Correios filiados ao The Communication Workers Union (CWU) e o sindicato de trabalhadores em universidades. Uma das muitas greves locais inclui a dos portuários de Liverpool, de 19 de setembro a 3 de outubro, de seções do sindicato de funcionários públicos, que também farão greve, enquanto a greve de oito dias do porto de Felixstowe paralisou o porto mais movimentado da Grã-Bretanha.

A onda de greves, a primeira resposta de massas dos trabalhadores em 30 anos, inclui demandas salariais para acompanhar a inflação e a rejeição do agravamento das condições de trabalho e aposentadorias. Nos setores privados, enquanto são pagos enormes dividendos aos acionistas e bônus para os executivos, as ofertas salariais não passam de 7%.

A TEMPESTADE DA CLASSE ESTÁ SE FORTALECENDO

Há uma tempestade que se aprofunda devido ao aumento catastrófico dos preços da energia após dez anos de austeridade e cortes, e dois anos de congelamento dos salários devido à pandemia. O Escritório de Responsabilidade Orçamentária estima que as famílias sofrerão a maior queda em seus padrões de vida desde os anos 1950, e os salários vêm caindo para muitos trabalhadores há mais de 30 anos. As prefeituras estão preparando “Bancos Quentes”, que são locais aquecidos para as famílias que não têm condições de manter suas casas aquecidas, e “Bancos de Alimentos”, que recebem doações de alimentos, devido aos enormes cortes de subsídios pelo governo, deixando as famílias sem alimentos. O Banco da Inglaterra adverte sobre a recessão e o aumento do desemprego. A Grã-Bretanha é uma das últimas economias do G20, com apenas a Rússia tendo um desempenho pior. Este é o capitalismo britânico



Ferroviários da RMT em greve

em declínio que quer baixar ainda mais os salários.

Toda a mídia está falando de milhões de lares de trabalhadores que enfrentarão uma catástrofe no inverno, pois estão mergulhados na miséria e que perderão vidas por causa do custo do aquecimento das casas e da alimentação. A Fundação Joseph Rowntree destacou que os aumentos de preços vão consumir toda a renda das famílias mais pobres.

Enquanto isso, os lucros das empresas de petróleo e gás atingem muitos bilhões de libras. A resposta do go-



Greve dos trabalhadores dos correios

verno Tory (Partido Conservador) a isto é manter-se em silêncio e recusar-se a aparecer na TV e no rádio.

O capitalismo está em crise, e é hora de nos levantarmos em um movimento de greve.

A LUTA É O ÚNICO CAMINHO

Unificar como classe, chamar uma greve geral



“Piquete oficial”

Eddie Dempsey, secretário-geral adjunto do sindicato RMT [sindicatos ferroviários] disse em um comício em Liverpool, “nos dias 15 e 17 de setembro, vamos mostrar à mídia e ao governo e às corporações que temos o poder porque o RMT vai parar este país a menos que consigamos um acordo”. E continuou em meio aos aplausos de 1300 pessoas, “temos que nos unir como classe e agir coletivamente

nos piquetes de greve e em outras formas de ação”. Dirigindo-se ao governo e à classe dominante, ele disse: “Se vocês atacarem os carteiros, nós lutaremos com eles; se vocês atacarem as enfermeiras e os trabalhadores de saúde, nós lutaremos com eles”.

A Liga Socialista Internacional (ISL, na sigla em inglês) concorda que precisamos de uma ação coletiva, ou seja, uma ação de greve

coordenada nacionalmente, que una todas as ações de greve regionais e municipais para enfrentar a investida contra a classe trabalhadora. O RMT e todos os líderes sindicais combativos têm que continuar lutando por esta necessidade; organizar a partir de baixo, e exigir que o TUC (Trades Union Congress, a central sindical da Grã-Bretanha) organize uma greve geral.

Uma greve geral signifi-



“Defenda os direitos dos trabalhadores”

ca que todos os sindicatos e bairros da classe trabalhadora e os oprimidos possam lutar como um só, com uma só voz, exigindo: salários, benefícios e aposentadorias conforme a inflação, combatendo toda a opressão, reestatização da economia sem indenização e onde os sindicatos e bairros operários tenham como objetivo controlar as empresas recém-nacionalizadas.

Defendemos a realização de uma conferência nacional

de sindicatos para planejar a melhor maneira de atacar juntos. Alguns líderes sindicais ferroviários dizem que é melhor para os maquinistas da Aslef [associação de ferroviários] fazer greve em dias diferentes aos dos trabalhadores do RMT, porque isso cria mais transtornos. Mas, o que estamos dizendo é que um plano precisa ser feito por todos os sindicatos que querem lutar, e apelamos para as bases dos

sindicatos que ainda não entraram na batalha para exigir que seus dirigentes lutem pela greve e ações conjuntas, e para exigir que o TUC lute e faça mais do que protestos em frente ao parlamento e várias reuniões. O TUC tem que chamar todos os sindicatos – organizá-los como um só, juntos, agir com uma só voz, como diz o RMT, e mobilizar os 5,5 milhões de trabalhadores filiados ao TUC.

APOIO DA POPULAÇÃO

Construir a luta comunitária

Há um apoio majoritário da população aos grevistas, e o apoio organizado está crescendo através de grupos de apoio à greve e campanhas como a “Don’t Pay” [Não Pague], para que não se pague as contas de energia a partir de 1º de outubro.

Enquanto a classe trabalhadora e as famílias de classe média-baixa estão preocupadas em alimentar e manter seus filhos aquecidos; várias casas de assistência, muitas delas privatizadas nos anos 1990, podem fechar, porque as contas de energia são muito altas. As contas das pequenas empresas

aumentaram em 1.000%, pois as empresas não têm teto no preço da energia.

Os grevistas repudiam os ataques do governo Tory ao NHS (Serviço Nacional de saúde), que está sendo privatizado, a falta de casas decentes (porque os centros de habitação municipais foram vendidos a partir dos anos 1980) e a mercantilização da educação.

Os grevistas também pedem ações contra a catástrofe climática e a necessidade de combater a opressão; muitas campanhas LGBTQ+ têm sido bem-vindas, e alguns eventos do Orgulho

Gay têm acolhido trabalhadores em greve. Há também apoio para as comunidades negras e asiáticas e vice-versa. Todas estas interconexões precisam ser aprofundadas em um movimento com uma só voz contra a opressão e a exploração.

O que os Conservadores oferecem agora? Eles subsidiarão £400 libras (2.400 reais) das contas de energia de todos os lares, com exceção daqueles que comprem gás em contas pré-pagas, que são as mais caras. Este subsídio será dado às empresas para permitir que continuem obtendo superlucros.



“Apoie a greve”

POLÊMICA

O Partido Trabalhista



A esquerda do Partido Trabalhista defende a “justiça social”, como se a justiça social

pudesse acabar com a exploração das multinacionais. Só o socialismo operário, ou seja, um

governo operário sob o controle dos trabalhadores, pode evitar o declínio da Grã-Bretanha.

Keir Starmer, o líder trabalhista, é contra o apoio do Partido Trabalhista aos piquetes de greve, mas diz que apoia o direito de greve dos sindicatos. Mas, este político burguês só pensa em termos de manobras parlamentares, enquanto apoia todas as instituições burguesas do Estado. Angela Rayner, líder adjunta do Partido Trabalhista, gabou-se de sua defesa incondicional da lei e da ordem. Na imprensa ela disse que a polícia deveria “atirar nos terroristas antes e fazer perguntas depois” e “arrombar a porta dos criminosos, identificá-los e enfrentá-los”.

Portanto, a repressão é apoiada pelo Partido Trabalhista. Eles mencionam “terroristas”, mas estes métodos estão sendo usados contra pessoas não brancas e nas batidas policiais de jovens estudantes negros. No futuro, será usado contra grevistas.

Keir Starmer faz guerra à esquerda trabalhista enquanto os trabalhadores fazem guerra aos patrões. A resposta é construir a onda de greves e um novo partido operário alternativo que apoiará todas as ações decididas pelos trabalhadores em luta.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3XBF53V](https://bit.ly/3XBF53V)

FAÇA PARTE!

Trabalhadores e jovens recebem materiais do PSTU em seus smartphones



DA REDAÇÃO

Todos os dias, somos bombardeados pela imprensa tradicional com informações. Eles chegam até nós pela TV, pelo rádio e pelo celular, através das redes sociais e da internet.

A grande imprensa, que monopoliza os meios de comunicação, tem um lado. Ela defende os interesses da grande burguesia, que mantém o povo trabalhador do nosso país na pobreza e no desemprego.

Inclusive por isso, nas eleições, adotam uma política de vetar as candidaturas revolucionárias, que defendem um projeto de ruptura com o capitalismo. É o que ocorre, hoje, com Vera e da Raquel Tremembé, que têm sua participação vetada, pelos grandes veículos de comunicação, nos debates entre candidatos à presidência. Eles querem calar a nossa voz.

Diante disto, os trabalhadores e trabalhadoras precisam usar todos os meios para se informar e

se organizar com um programa revolucionário. E um instrumento para isso está na palma das nossas mãos: o celular.

Você que é um trabalhador, estudante ou um ativista no seu bairro, deve estar acostumado a encontrar a militância do PSTU nas lutas, defendendo uma saída socialista para a crise do país e organizando os trabalhadores para enfrentar os ataques dos empresários e dos governos.

INFORMAÇÃO PARA FORTALECER A ORGANIZAÇÃO E A LUTA

Mas, além da organização na base, as nossas informações e o nosso programa chegam a dezenas de milhares de trabalhadores através de nossas redes sociais e do WhatsApp.

FAÇA PARTE
CONHEÇA O PSTU

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta



(11) 9.4101-1917



VENHA PARA O PSTU

SEJA UM CONTRIBUINTE E AJUDE A FORTALECER
UMA ALTERNATIVA SOCIALISTA

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3D9TOCE](https://bit.ly/3D9TOCE)

atuante no dia-a-dia. Existem muitas armadilhas do sistema, então nada melhor que a gente ter essa consciência e essa bagagem que dão os informativos no nosso dia-a-dia”.

A nossa imprensa está a serviço da defesa e da organização de um projeto independente da classe trabalhadora, sem aliança com os patrões e nem com partidos e políticos que defendem os interesses dos bilionários.

Nas páginas do nosso jornal e vídeos, você encontra informações úteis para se manter atualizado, dentro de uma perspectiva da classe trabalhadora. Cadastre-se, você também, para receber os nossos materiais e para conhecer o PSTU.

BRAÇOS CRUZADOS

Operários da Mercedes-Benz fazem paralisação contra demissão em massa

Os trabalhadores da montadora alemã em São Bernardo do Campo, no ABC paulista, decidiram paralisar a produção contra a demissão em massa anunciada pela empresa. Uma assembleia que reuniu por volta de 6 mil metalúrgicos na tarde do dia 8 de setembro votou pela paralisação até o dia 11, segunda-feira.

As demissões foram anunciadas na véspera do feriado de 7 de setembro e atingem 3.600 trabalhadores. Desses, 2.200 trabalhadores diretos e 1.400 temporários. Com 10,4 mil funcionários, a planta em São Bernardo é a maior da Mercedes fora da Alemanha e

produz caminhões e chassis de ônibus. O plano da montadora é dispensar parte dos operários da planta e terceirizar a produção de componentes como eixos dianteiros e transmissão média, assim como serviços de logística, manutenção e ferramentaria.

“Não podemos permitir que, desde a Alemanha, essa multinacional que teve lucros bilionários no último período e venha aqui e faça um absurdo desses contra os trabalhadores querendo colocar na rua 3600 trabalhadores, e terceirizar parte da sua produção se utilizando para isso da Lei de Terceirizações”, afirma Luiz



Assembleia na Mercedes-Benz

Carlos Prates, o Mancha, candidato ao Senado pela chapa coletiva socialista. “Nós queremos a estabilidade no emprego, nenhu-

ma demissão, a redução da jornada de trabalho sem a redução dos salários e que todas as empresas multinacionais e que estejam de-

mitindo sejam estatizadas, para garantir inclusive investimentos aqui para termos empregos, salários e direitos”, defende.

ABSURDO

STF cede a lobby dos planos de saúde e suspende piso da Enfermagem



Em pleno domingo, dia 4 de setembro, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Luís Roberto Barroso, suspendeu por meio de uma liminar o piso nacional dos trabalhadores da enfermagem. A lei já havia sido aprovada pelo Congresso Nacional após intensa mobilização dos trabalhadores da saúde, e sancionada por Bolsonaro.

O piso nacional, que seria instituído a partir do dia 5, estabelecia R\$ 4750 para os enfermeiros, 70% disso para técnicos de enfermagem e 50% para auxiliares e parteiras. Uma luta de décadas dos profissionais da Saúde que se enfrentou contra o poderoso lobby da saúde privada no Congresso Nacional. A liminar no STF, porém, foi concedida a pedido da CNSaúde (Confederação Nacional de Saúde, Hospitais e Estabelecimentos de Serviços).

“Sabíamos que a luta teria de ser mantida para garantir a aplicação da lei e, diante dessa decisão arbitrária, é preciso retomarmos com força uma ampla mobilização para derrubar essa liminar do STF, bem como o veto que Bolsonaro fez ao reajuste do piso”, afirma Rosália Fernandes, servidora da Saúde em Natal e candidata ao governo do Rio Grande do Norte pelo PSTU.

Além de ser mentira que não existe dinheiro para o piso, já que o impacto calculado para sua implementação, R\$ 17 bilhões, ser menor que o que Bolsonaro quer pagar para o centrão através do Orçamento do Secreto, esse ataque mostra a ganância dos grandes empresários da Saúde, que lucram com o sofrimento do povo e a exploração dos trabalhadores.

CAMPANHA

#QueroVeraNoDebate



DA REDAÇÃO

A MÍDIA BURGUESA INVISIBILIZA A ÚNICA CANDIDATURA OPERÁRIA, NEGRA, INDÍGENA E SOCIALISTA À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

No dia 28 de agosto, aconteceu o primeiro debate televisivo entre os candidatos à presidência da República. O evento foi realizado pelos canais Band e Cultura, o portal UOL e o jornal Folha de S. Paulo. O debate gerou grande repercussão nas redes sociais, não pelos temas discutidos, mas pela ausência das candidaturas negras e de jornalistas negros.

Semanas antes do debate, o PSTU lançou a campanha #QueroVeraNoDebate nas redes sociais. Além de cobrar a presença da Vera – única candidata operária, negra e socialista – a campanha também denuncia a falta de democracia no processo eleitoral, que conta com o apoio da grande mídia.

Assim como no primeiro debate entre os presidenciais, os demais marcados para o 1º turno (serão cinco, no total), também só contarão com presença de seis dos 12 candidatos que estão na disputa. A grande imprensa, ao invés de garantir um direito constitucional, que é o direito à informação, não permite que os candidatos apresentem suas propostas à população de forma igualitária.

A imprensa, que deveria contribuir para a democracia do processo eleitoral, se apegas às leis antidemocráti-

cas da Justiça Eleitoral para excluir candidatos e impedir que a população conheça candidaturas socialistas e revolucionárias, como as de Vera e Raquel Tremembé.

MEDO DE UM PROJETO SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIO

No início do calendário dos debates, Vera estava pontuando nos dois principais institutos de pesquisa (Datafolha e Ipec), empatada tecnicamente com a Simone Tebet (MDB), mesmo estando todos os dias na TV, sites e jornais impressos e, ainda, ter um aparato financeiro enormemente superior ao PSTU. Dentro dessas condições, na verdade, Vera estava à frente de Tebet. Mas, a grande mídia não garante o mesmo espaço de cobertura.

A grande imprensa tem medo da Vera e do programa que ela defende. A grande mídia, que pertence à burguesia, não garante espaço igualitário para os revolucionários apresentar seu programa e ideias ao conjunto da população por uma questão de classe.

Eles não realizam debates com a presença da Vera porque não querem. Por escolha, querem impedir que a voz e o programa revolucionário ecoem. A lei não proíbe a participação dos que não têm representação parlamentar. A lei somente exige a presença dos que têm tal representação.

SOME-SE A ESTA CAMPANHA DEMOCRÁTICA

Por isso, afirmamos que a postura da grande mídia é



LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/3L4BTPU

antidemocrática e chamamos você a participar da campanha em defesa da presença da Vera nos debates.

Vamos seguir fazendo

uma forte agitação nas redes sociais, usando a hashtag #QueroVeraNoDebate.

Some-se a nós nessa campanha democrática, pelo di-

reito da participação da única operária, negra, nordestina, socialista e revolucionária, candidata à presidência da República.

VAKINHA

NÓS POR NÓS

CHEGA JUNTO E COLABORE

É VAQUINHA DE PEÃO! SEM DINHEIRO DE BANQUEIRO OU DO PATRÃO

ENTRE NA CAMPANHA

Junte-se a nós na construção de uma alternativa socialista e revolucionária.

Anote aí o número e vem de "Zap da Vera":

(11) 99197-5733

Para acessar, basta digitar:
www.vera.pstu.org.br